

<http://dx.doi.org/10.17648/eidea-14-1680>

A RETÓRICA DA IRONIA EM O AMIGO DA ONÇA

Ana Cristina Carmelinoⁱ

Resumo: Este artigo tem como tema central O Amigo da Onça, história em quadrinhos de humor criada pelo cartunista Péricles Maranhão e publicada na revista *O Cruzeiro*, de 1943 a 1962. O personagem, um dos tipos mais populares e importantes do humor gráfico brasileiro, caracteriza-se por colocar as pessoas em situações embaraçosas e inesperadas, configurando-se como sacana. Pretende-se mostrar o modo como O Amigo da Onça se constitui retoricamente sacana. Para isso, considera-se a hipótese de que a figura da ironia seja um dos principais recursos discursivos usados na construção desse traço peculiar ao personagem. O arcabouço teórico que fundamenta a análise advém especialmente da Retórica.

Palavras-chave: O Amigo da Onça. Ironia. Humor. Retórica.

Abstract: This paper has as its central theme O Amigo da Onça, humor comic created by the cartoonist Péricles Maranhão and published in the magazine *O Cruzeiro*, from 1943 to 1962. The character, one of the most popular and important figures of Brazilian graphic humor, is characterized by putting people in embarrassing and unexpected situations, configuring himself as filthy. We intend to show how filthiness is rhetorically construed in O Amigo da Onça. Thus, we will consider the hypothesis that the figure of irony is one of the main discursive resources used in the construction of this peculiar trait. The theoretical framework that underlies the analysis comes especially from Rhetoric.

Keywords: O Amigo da Onça. Irony. Humor. Rhetoric.

ⁱ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professora Adjunta de Língua Portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: anacriscarmelino@gmail.com.

1. Contextualizando O Amigo da Onça

Figura 1 – O Amigo da Onça



Fonte: O Cruzeiro, n. 52, 7 out. 1961, p. 47

Legenda: - Olha o peixe fresco!

A Figura 1 traz em cena um vendedor de peixe em plena ação. Elementos verbais e visuais corroboram a leitura: ao centro da imagem, há um carrinho (no qual se pode ler claramente a palavra “peixe”) empurrado por um homem que grita “- Olha o peixe fresco!”; ao fundo, veem-se duas mulheres no quintal de suas casas, o que sugere serem freguesas interessadas no produto oferecido; ao redor do carrinho (e no céu), chama atenção a presença de urubus (aves negras com cabeça e pescoço nus) sobrevoando. O comerciante de peixe é O Amigo da Onça, personagem principal da história que traz o mesmo nome.

Sabendo-se que os urubus alimentam-se de carne em putrefação, o personagem-título mostra-se descaradamente irônico ao gritar que o peixe que está sendo vendido é fresco, afinal, peixe que acabou de ser pescado não atrairia aves desse tipo. Portanto, vista na totalidade do texto, a construção “peixe fresco” contém uma predicação impertinente. A ironia, palavra que

provém do grego *eironeia*, remete à dissimulação. Logo, aquele que a usa dissimula, por meio de palavras ou gestos, pensamentos, sentimentos, comportamentos, atitudes.

A forma ardilosa de agir, com intenção sarcástica, que tende a colocar o outro em situação embaraçosa, inesperada e até perigosa é a principal característica de O Amigo da Onça, personagem que encerra no nome (ou na expressão que o intitula) seu traço comportamental mais saliente: alguém em quem não se pode confiar. Afinal, “ser amigo da onça” é mostrar-se amigo, mas não o ser de fato; é ser falso, trapaceiro, enganador.

Criado na década de 1940, pelo desenhista Péricles de Andrade Maranhão (1924-1961), para a revista *O Cruzeiro* (1928-1983), O Amigo da Onça tornou-se uma das figuras mais importantes do humor gráfico brasileiro daquele tempo. Fernandes (1987) defende ser o tipo mais popular da história humorística do país. Trata-se, na verdade, do dono de uma página completa de uma das seções de maior sucesso da revista ilustrada mais expressiva do país do século XX¹.

Publicadas semanalmente até início de 1962², na forma de cartum (espécie de anedota gráfica que tende a ser desenhada em uma cena só, quadrada), as histórias se caracterizam por apresentar um tipo de humor cotidiano, que ressalta costumes típicos da sociedade, refletindo, portanto, questões do dia a dia das pessoas à época em que foram produzidas: reiteram certos comportamentos, criticam ou desvelam maneiras de ser.

Nas cenas em geral, O Amigo da Onça – baixinho, magro, com cabelo penteado para trás à base de fixador, de bigodinho (e, em geral, vestido de casaco) – aparece sempre colocando as pessoas em situações difíceis, intimidadoras e, às vezes, perigosas. Debochado, enganador, impiedoso, inconveniente, malicioso, irreverente, dedo-duro e galhofeiro, o personagem se resume, em termos comportamentais, no que popularmente se conhece por “sacana”.

¹ *O Cruzeiro* constitui um acervo da história do Brasil e de seu jornalismo, sendo responsável pela inovação da imprensa, registrou em suas matérias não apenas o progresso e os acontecimentos que marcaram a trajetória do país, mas também divulgou produtos que ditaram padrões de comportamento e consumo, hábitos de leitura, sintetizando formas de vida (cf. ROMANCINI; LAGO, 2007; MARTINS; LUCA, 2008).

² Convém salientar que as histórias produzidas por Péricles foram publicadas em *O Cruzeiro* de 23 de outubro de 1943 a 3 de fevereiro de 1962, pouco após a morte do desenhista (que se suicidou em 31 de dezembro de 1961). A popularidade do personagem fez com que a série tivesse continuidade, passando, desse modo, a ser desenhada por Carlos Estevão e a ser publicada até 1972.

De acordo com Houaiss (2001), a palavra sacana diz respeito a que ou quem: 1) é libertino, devasso; 2) tem mau-caráter, ludibria ou aufere vantagens que caberiam a outro(s); finório, espertalhão; 3) é brincalhão, de espírito crítico ou trocista, que faz comentários ou brincadeiras divertidos ou perversos, mas com graça, a respeito de seres ou de coisas; gozador.

Partindo dessas considerações, este artigo busca refletir sobre o modo como O Amigo da Onça é construído retoricamente como sacana. Considera-se a hipótese de que a figura da ironia seja um dos principais recursos usados pelo cartunista na produção desse traço peculiar ao personagem. Desse modo, os pressupostos teóricos que fundamentam a análise advêm da Retórica, especialmente de estudiosos que tratam do mecanismo sob esse olhar.

2. A ironia e sua relação com o humor

Classificada como uma das figuras de retórica (há quem diga figura de estilo, de pensamento e de discurso), a ironia, em geral, é caracterizada como um modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário do que se está pensando ou sentindo, ou ainda, do que se quer dar a entender (cf. TRINGALI, 1988, 2014; MOLINIÉ, 1992; HOUAISS, 2001; REBOUL, 2004). Ferreira (1999) e Borba (2002) acrescentam que tal ação ocorre por “pudor em relação a si próprio ou com intenção depreciativa e sarcástica em relação a outrem”.

Embora essa consideração – que se atém ao sentido especializado de ironia como processo de expressão “pelo contrário” – seja bastante comum, não é a única. Como bem salienta Paiva (1961), definir ironia com precisão não é tarefa fácil, tendo em vista que se trata de uma atitude que se manifesta de várias maneiras. Segundo a autora:

Se nela predomina uma feição de alegria amigável, individualiza-se em *humor*; se traduz uma amargura ácida, chama-se então *sarcasmo*; se joga agudamente com conceitos, recebe o nome de *espírito*; se se alia ao burlesco, toma a forma de *facécia*; se recorre à imitação, diferencia-se em *sátira*. A verdade é que nenhuma dessas palavras é sinônimo de *ironia*, mas há nas esferas semânticas respectivas um setor comum, que corresponde ao que se entende por *ironia* (PAIVA, 1961, p. 3).

O primeiro registro do termo ironia (*euroneia*) surge, segundo Muecke (1982, p. 31), na *República* de Platão: “aplicada a Sócrates por uma de suas vítimas, parece ter significado algo como ‘uma forma lisonjeira, abjeta de tapear as pessoas’”.

Na abordagem da Retórica (e Nova Retórica), os autores são unânimes ao reconhecerem o fenômeno como um expediente argumentativo. Tringali (1988, 2014) assinala que, por ter grande força persuasiva, a ironia mostra caráter utilitário. Para o autor, a figura apresenta uma construção bastante peculiar: “na estrutura profunda, se vitupera, na estrutura superficial, se louva” (TRINGALI, 2014, p. 199). Se retomado o exemplo da Figura 1, nota-se que, enquanto a estrutura superficial mostra o “frescor do peixe” (a partir do que O Amigo da Onça enuncia), a estrutura profunda busca desvelar o contrário (a presença de urubus indica o real estado do peixe), isto é, o quanto o produto está estragado.

Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a ironia consiste numa forma de argumentar indiretamente, que pode ser usada em qualquer situação, mas acaba sendo mais eficaz quando dirigida a um grupo delimitado. Para ser compreendida, supõe conhecimentos complementares acerca de fatos. Essa característica dá à figura um caráter paradoxal: “se a empregam, é porque há utilidade em argumentar; mas para a empregar, é preciso um mínimo de acordo” (p. 236).

Ainda levando em conta o exemplo mencionado na introdução deste artigo, se observado o processo argumentativo instaurado entre o personagem-título e aqueles com quem ele contracenava, nota-se que, para persuadir (vender o peixe literalmente), O Amigo da Onça dirige-se a um público bem delimitado (os que possivelmente gostam do produto e têm o hábito de consumi-lo) e joga, indiretamente, com um conhecimento prévio desse público (quem compra sabe que peixe bom para ser consumido é peixe fresco) a fim de tornar eficaz seu empreendimento.

Ao tratar da ironia, Reboul (2004, p. 132) assinala tanto o modo como ela pode aparecer marcada (pelo tom de voz, por ponto de exclamação, aspas, etc.) quanto à forma como pode ser empregada, ou seja, “amena ou cruel, sutil ou grosseira, amarga ou engraçada”. Tais considerações ajudam de certo modo a entender o funcionamento do recurso no processo argumentativo:

[...] se clara demais, passa a ser fácil. A ironia pesada é a esperada, a que sucumbe ao peso do sentido. A ironia é fina quando seu verdadeiro sentido se deixa esperar, quando sua vítima é a última pessoa a percebê-la; indo mais longe, pode-se dizer que é aquela cujo sentido nunca ficará completamente claro, que sempre deixará alguma dúvida (REBOUL, 2004, p. 132).

Olhando uma vez mais para o cartum da Figura 1, verifica-se que a ironia é expressa na totalidade do texto, ou seja, não é marcada apenas pelo tom enfático (até hiperbólico), que pode ser observado na fala de O Amigo da Onça: “– Olha o peixe fresco!” (haja vista o balão com contornos pontiagudos, que indicam fala gritada), mas, sobretudo, pela imagem de urubus sobrevoando o carrinho de peixe, elemento responsável por evidenciar o oposto do que se afirma no enunciado verbal. Nesse sentido, para construir retoricamente o sacana por meio da ironia, em geral, Péricles Maranhão se vale estrategicamente de enunciados a serem proferidos pelo personagem e da montagem da cena.

No que concerne à forma como o recurso é empregado, do ponto de vista interno e externo à situação produzida, pode-se considerar que seja ao mesmo tempo cruel (vender peixe estragado por peixe fresco é colocar os possíveis compradores em situação de risco) e engraçada (há claramente a intenção de ser sarcástico, de sacanear o outro para provocar o riso do leitor). Nesse sentido, está-se diante de uma ironia pesada (os leitores a espera) e fina (as vítimas, mulheres nos quintais de suas casas sorridentes, não a percebem).

Quanto à relação da ironia com o humor, os estudiosos que abordam a questão comumente observam que o emprego de contrastes (característico da figura) pode criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos. Trata-se, portanto, de um recurso típico do humor. Na própria acepção do termo, os dicionários assinalam “o uso de palavra, expressão ou acepção de caráter sarcástico; zombaria” (HOUAISS, 2001).

Alguns dos sinônimos atribuídos ao agente ou autor da ironia também ajudam na relação estabelecida. Do ironista diz-se que é zombeteiro, satírico, mordaz, motejador, cáustico, debochado, gozador. Ademais, assim como o humor pode ser caracterizado por apresentar alguma incongruência, a ironia também traz esse traço. Em Houaiss (2001), um dos significados registrados ao vocábulo é “contraste ou incongruência entre o resultado real de uma sequência de acontecimentos e o que seria o resultado normal ou esperado”.

De acordo com Tringali (2014, p. 199), a “ironia tem sempre intenção humorística e mordaz”, por isso lhe é peculiar certo traço agressivo. Fiorin (2014, 2015) assinala que o recurso, em geral, é utilizado para desestabilizar o adversário e provocar o riso do auditório a favor o orador. Conforme o linguista, por apresentar uma atitude do enunciador, a ironia serve para “criar

sentidos que vão do gracejo até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc.” (FIORIN, 2014 p. 70).

Reboul (2004), no tópico “ironia, graça e humor”, questiona por que a ironia seria engraçada. A resposta, segundo ele, está no fato de haver nela “uma dose de alegria sádica” (p. 133). Na relação entre os três termos, o autor destaca que a ironia, por ser graça, é sempre eficiente na refutação, mas não pode ser vista como sinônimo de humor:

A graça, em retórica, é a ironia que vem a calhar, a réplica arguta que é mais eficaz. Quanto ao humor, não é uma espécie de ironia; é o contrário da ironia. Esta denuncia a falsa seriedade em nome de uma seriedade superior – a da razão, do bom senso, da moral – o que coloca o ironista bem acima daquilo que ele denuncia ou critica [...]. No humor, é o próprio sujeito que abandona sua própria seriedade, que abdica da importância. O que em princípio exige dele certa calma, certo domínio de si – sim, fleuma britânica e o humor são uma só coisa só –, e desse modo se explica que o que o primeiro grau do humor seja a palavra descontraída nos momentos em que todos já perceberam a cabeça. Antídoto contra todos os fanatismos, o humor tende para o irracional e às vezes para o niilismo. Assim, se a ironia é uma arma, humor é algo que desarma (REBOUL, 2004, p. 133)

Do exposto, algumas considerações devem ser reiteradas, principalmente quando se leva em conta a análise das histórias de O Amigo da Onça. A forma como Péricles se utiliza da ironia para produzir o tipo sacana consolida o personagem-título como o que detém duplo poder: i) poder de gozar do outro, já que vence sempre aqueles com quem contracena (desestabiliza o adversário); ii) poder de agradar o outro, visto que faz rir o leitor, aquele que observa a cena.

3. O papel da ironia na construção do tipo sacana

Há muitas formas de agir que levam alguém a ser mostrado como sacana. Aqui, defendemos a hipótese de que a ironia – uma atitude eminentemente social, que consiste num processo de expressão pelo contrário e de criação do cômico – é um dos principais recursos mobilizados na constituição desse traço peculiar ao personagem em análise, O Amigo da Onça, de Péricles Maranhão. Desse modo, passamos ao objetivo principal deste texto, mostrar o modo como uma das criações mais populares do humor gráfico brasileiro se constitui retoricamente sacana. Consideremos os exemplos que seguem.

Figura 2 – O Amigo da Onça



Fonte: O Cruzeiro, n. 9, 23 dez. 1944, p. 59

Legenda: – Trouxe esse presentinho para o nenê!

Próprio de uma atitude de O Amigo da Onça, ele adota uma conduta fora do convencional na cena mostrada na Figura 2. Pela leitura dos elementos não verbais e verbais (enunciado mostrado na parte debaixo da cena, qual seja, “– Trouxe esse presentinho para o nenê!”), depreende-se que ele tenha trazido para o garotinho de fraldas uma lembrança de Natal (vê-se, ao fundo, uma árvore natalina e o cão porta uma placa com os dizeres “Feliz Natal Nenê”). O inusitado é o presente em si: um cachorro enorme, muito maior que a criança, situação que a assusta, bem como a mãe, e que é vista com severidade pelo pai (percebe-se pelo olhar de repreensão demonstrado por ele).

Figura 3 – O Amigo da Onça

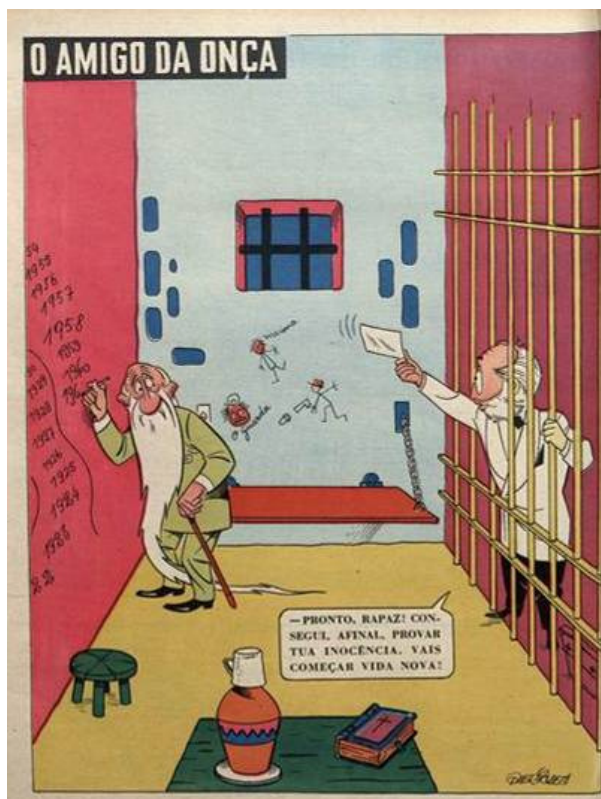


Fonte: O Cruzeiro, n. 29, 3 mai. 1952, p. 75

Legenda: - Primo... 'você é que é feliz!...'

Na situação mostrada na Figura 3, a conduta sacana pode ser depreendida pela forma como personagem-título aborda o interlocutor (tratado por meio do vocativo “primo”), representado como um catador de lixo, ou seja, uma pessoa de poucas posses (leitura reforçada pelas roupas rústicas e pelo saco de pano, todo remendado, que carrega). Em vez de solidariedade, ainda mais para um possível parente (por ser tratado como primo), ele alega que “você é que é feliz!”. Como se isso fosse possível, tendo de encontrar comida numa lata de lixo.

Figura 4 – O Amigo da Onça



Fonte: O Cruzeiro, n. 52, 8 out. 1960, p. 36

Legenda: - Pronto, rapaz! Consegui, afinal, provar tua inocência, vais começar vida nova!

Nesse caso, a atitude sacana vista em O Amigo da Onça tem relação com o tempo que levou para que conseguisse provar a inocência do homem apresentado em uma cela. Depreende-se que a comprovação da falta de culpa tenha demorado décadas. Há dois indicadores disso: 1) os anos rascunhados na parede sugerem que ele tenha ficado detido de 1922 a 1961 (ano que estava sendo escrito naquele momento); 2) ambos são representados com traços de idade avançada, o preso com barba branca longa e o personagem-título com os cabelos também esbranquiçados. Apesar do tempo longo, este ainda diz: “Vais começar vida nova!”.

Figura 5 – O Amigo da Onça



Fonte: O Cruzeiro, n. 47, 5 set. 1953, p. 17

Legenda: - Já pode levar o seu marido. Ele está completamente recuperado!

A placa “manicômio”, mostrada na parte superior da cena, é a chave para entender a produção do humor e a conduta sacana de O Amigo da Onça apresentada na Figura 5. Por estar fardado (aparentemente vestido de Napoleão Bonaparte, um delírio clichê na caricatura dos dementes), o paciente demonstra não estar são. Mesmo assim, O Amigo da Onça, exercendo aqui o papel social de médico, atesta à esposa do enfermo que ele já está curado, como fica explícito na fala: “Já pode levar o seu marido. Ele está completamente recuperado!”.

Convém destacar que o acervo sobre O Amigo da Onça, especificamente o produzido por Péricles Maranhão, compreende muitos casos semelhantes aos trazidos aqui³, nos quais a atitude sacana é produzida por meio da ironia. Acredita-se, no entanto, que os cinco exemplos citados neste artigo sejam suficientes para mostrar como Péricles lança a mão desse expediente retórico

³ Neste caso, estamos falando de cartuns publicados semanalmente na revista O Cruzeiro de 3 de outubro de 1943 a 3 fevereiro de 1962.

para construir o personagem-título como um sacana contumaz e produzir humor.

Em termos de funcionamento do uso da ironia nos cartuns, verifica-se certa regularidade no processo de produção de Péricles Maranhão. Nos casos em questão, nota-se que o recurso é manifestado na articulação entre linguagem verbal e não verbal, ou seja, por elementos da composição visual das histórias (montagem da cena bem como gestos e comportamentos de O Amigo da Onça) e por enunciados verbais proferidos enfaticamente (marcados pela exclamação) pelo personagem-título. Retomemos o exemplo da Figura 2, a título de comentário. Ao chegar à festa de Natal e dizer “– Trouxe esse presentinho para o nenê!”, a atitude irônica de O Amigo da Onça, que o desvela sacana, só pode ser percebida quando se atenta para a imagem a que remete o que ele chama de “presentinho”: um cão enorme.

Levando-se em conta a proposta de Tringali (2014) sobre a forma como a figura da ironia tende a se organizar estruturalmente – louva-se, na estrutura superficial; vitupera-se, na estrutura profunda –, convém destacar que nas histórias de O Amigo da Onça há recorrência no modo de produção e disposição desse recurso. O enunciado verbal (estrutura superficial) tende a dizer x; ao passo que a imagem (estrutura profunda) nega x, ressaltando o seu oposto. Nos casos citados, temos, portanto, a seguinte construção:

Quadro 1 – Funcionamento estrutural da ironia nos cartuns de O Amigo da Onça

EXEMPLO	ENUNCIADO VERBAL (estrutura superficial) diz-se x	ENUNCIADO NÃO VERBAL (estrutura profunda) mostra-se o oposto de x
Fig. 1	- Olha o peixe fresco!	- urubus sobrevoando o carrinho de peixe indicam o real estado do produto (estragado, apodrecido)
Fig. 2	- Trouxe esse presentinho para o nenê!	- o “presentinho” corresponde a um cachorro enorme
Fig. 3	- Primo... ‘você é que é feliz!...’	- “você feliz” remete à imagem de um catador de lixo
Fig. 4	- Pronto, rapaz! Consegui, afinal, provar tua inocência, vais começar vida nova!	- “rapaz” alude a um homem bem velho (com longa barba branca e bengala), que dificilmente teria condições de “começar vida nova”
Fig. 5	- Já pode levar o seu marido. Ele está completamente recuperado!	- o aspecto físico do marido e o modo como ele está vestido, de farda, mostra que ele continua desequilibrado (dado reforçado pela expressão de susto da esposa)

Ainda na busca em compreender o funcionamento da ironia nos cartuns de *O Amigo da Onça*, podem ser consideradas as reflexões de Fiorin (2014, p. 69-70) sobre o fenômeno, que vão (ainda que por meio de outros termos) ao encontro do foi dito. Para o autor, a figura de retórica “é um alargamento semântico”, no qual é possível identificar “duas vozes em conflito, uma expressando o inverso do que disse a outra; uma voz invalida o que a outra profere”. Segundo ele, o que estabelece uma compatibilidade entre as duas vozes (dois sentidos) é a inversão. Nesse sentido, o quadro construído acima também contempla as ideias de Fiorin.

O exame dos cartuns manifesta outras regularidades quanto à exploração da ironia, elemento responsável por edificar o sacana. Uma delas é o fato de a figura de retórica ser usada de modo indireto e se dirigir a um público determinado. Dado que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), incorre na eficácia do processo de argumentação ao qual o recurso está vinculado. Se observadas as interações internas às cenas, as vítimas da “sacanagem” de *O Amigo da Onça* são os possíveis compradores de peixe (Figura 1), familiares ou amigos que se reúnem para comemorar o Natal (Figura 2), o primo (Figura 3), o cliente que o contratou como advogado (Figura 4) e a esposa do interno de um manicômio em que o personagem-título é o médico responsável (Figura 5).

Se analisado de outro ponto de vista – da produção gráfica humorística em si, construída pelo cartunista (autor) e de quem a observa (o leitor) –, o processo argumentativo pela ironia presente nas histórias também se dirige a um público delimitado: os leitores do cartum que foi publicado em *O Cruzeiro*. Nesse sentido, Péricles garante a eficiência na utilização do expediente retórico (que é produzir o riso) certamente porque leva em conta um conhecimento prévio desse público, tem antecipadamente um acordo estabelecido com ele.

Outra recorrência é o tipo de ironia produzido nos cartuns. Com base nos pressupostos de Reboul (2004) e nas cenas analisadas, verifica-se que, assim como Péricles não a traz em seus textos de um jeito ameno ou sutil, também não a mostra de modo amargo. A ironia presente em *O Amigo da Onça* é engraçada, porque busca provocar o riso do leitor, entretanto não deixa de ser cruel.

A conduta sacana do personagem (que varia entre ser dura, insensível, impiedosa) tende a pôr o interlocutor em situação de risco – vende peixe

estragado por fresco (Figura 1), presenteia um bebê com um cachorro enorme (Figura 2), libera do manicômio um paciente que não está recuperado (Figura 5) – ou em situação de constrangimento – demora muito tempo para inocentar um cliente e diz que ele teria, a partir daquele momento, vida nova (Figura 4), diz a um catador de lixo que ele é que é feliz (Figura 3).

Não se pode deixar de destacar também que, face à palavra, na pluralidade dos seus aspectos, na virtualidade infinita das combinações possíveis, a ironia procura a expressão. Nesse sentido, dentre os processos de que esse expediente retórico vem frequentemente acompanhado, desempenha papel primordial a hipérbole. A figura que se caracteriza pelo “exagero expressivo por aumento ou diminuição” (TRINGALI, 1998, p. 139) serve, muitas vezes, de pedra de toque à ironia. Os casos citados, sem exceção, podem corroborar tal consideração. No cartum da Figura 5, a exemplo, a hipérbole pode ser vista no emprego do advérbio de modo “completamente”, que exagera o estado do paciente internado no manicômio (“– Já pode levar o seu marido. Ele está completamente recuperado!”). Logo, é muito comum que a par da inversão de sentido se manifeste a tendência hiperbólica.

Considerações finais

Considerando-se que O Amigo da Onça, personagem criado por Péricles Maranhão e publicado (sob a forma de cartum com o mesmo nome) na revista *O Cruzeiro* por dezenove anos, configura-se como sacana – visto que tende a colocar o outro (aquele com quem contracena) em situações inesperadas, perigosas, constrangedoras –, este texto buscou mostrar como um dos personagens mais populares do humor gráfico brasileiro se constrói retoricamente sacana. A análise das histórias revela que esse traço deve-se ao uso recorrente que o cartunista faz da ironia, figura de retórica caracterizada tanto por dizer o contrário do que se quer dar a entender quanto por sua intenção humorística.

No que concerne ao funcionamento da ironia como recurso de construção do sacana, verificou-se que, nos cartuns de O Amigo da Onça, o expediente retórico é apreendido na totalidade do texto, ou seja, na imbricação entre a linguagem verbal e não verbal. A ironia não é marcada, como de praxe, apenas pelo tom enfático com que são proferidos os enunciados pelo personagem-título, mas o é, sobretudo, pelo arranjo das

imagens. Constatou-se também certa regularidade na estruturação da figura de retórica: enquanto o enunciado verbal diz x, a imagem nega x (destaca o oposto).

Dentre os tipos de ironia que perpassam o cartum, pôde-se observar uma variação entre o que se considera gracejo, sarcasmo, desprezo, zombaria e escárnio. No entanto, como demonstrado nos exemplos citados, no geral a ironia produzida acaba por se desvelar ao mesmo tempo cruel (já que o personagem-título enfoca o gozo de mostrar-se superior, mordaz com quem contracena) e engraçada (visto que busca provocar o riso do leitor). No último caso, O Amigo da Onça (entendido como a produção de Péricles) sabe que pode contar com a reação do público como estímulo de que necessita para existir.

Referências

BORBA, Francisco da Silva (Org.). **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERNANDES, Millôr. Péricles. In. PÉRICLES. **O Amigo da Onça**. São Paulo: Busca Vida, 1987, p. 3-4.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2001. (CD- ROM)

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLINIÉ. Georges. **Dictionnaire de rhétorique**. Paris: Presse Offset, 1992.

MUECKE, Douglas Colin. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

PAIVA, Mara Helena Novais. **Contribuição para uma estilística da ironia**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1961.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 132-133.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica** (a retórica como crítica literária). São Paulo: Duas Cidades, 1988.

_____. **A retórica antiga e as outras retóricas**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Musa, 2014.

Forma de citação sugerida:

CARMELINO, Ana Cristina. A retórica da ironia em O Amigo da Onça. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 14, p. 19-34, jul/dez.2017.

Recebido em: 04/09/2017

Aprovado em: 20/10/2017